

Cesar Boschetti

Terra Nova

Lucas estava acomodado e tranquilo em uma confortável poltrona no enorme hall de espera, no décimo quinto andar da sede administrativa de Terra Nova. Era um gigantesco edifício cilíndrico bem no centro da capital do planeta. O edifício era circundado por uma larga avenida da qual partiam outras oito avenidas radiais orientadas conforme os pontos cardeais. O tráfego de veículos coletivos, totalmente elétricos e ecológicos, era disciplinado e tranquilo. Essas avenidas secundárias se projetavam através de um denso e exuberante cerrado com ipês e jatobás. O conjunto parecia uma estrela quando visto de cima.

O hall onde Lucas aguardava sua chamada era um enorme salão circular com piso de granito azul. Ao redor desse hall ficavam vinte salas com paredes também de granito e amplas portas, todas idênticas em tom bege, além de dois halls secundários, diametralmente opostos e sem portas. Esses dois halls secundários abrigavam amplos elevadores panorâmicos e facilidades como café, chá, água e sanitários. A identificação das salas era apenas um número no alto da porta.

O ambiente era decorado por grandes poltronas de couro sintético, alinhadas em forma de um grande círculo, no centro do qual ficava uma mesa decorada com um vaso de flores. Um fundo musical suave e relaxante tomava conta de todo o ambiente. No centro do hall, pendurado por um cabo quase invisível, ficava um enorme globo representando terra nova. Tudo isso compunha um ambiente simples mas aconchegante e tranquilizador para todos que aguardavam atendimento.

Para Lucas, o longo tempo de espera para o procedimento de sua emancipação, era perfeitamente justificável. Isso já estava pré agendado há 21 anos quando ele foi criado. Mas os procedimentos de análise dos seus registros, incluindo avaliação de sua tese para cidadão pleno, só poderiam ser iniciados a partir do instante de sua identificação na recepção do edifício. O processo era demorado por questões de segurança. A unidade na qual ele seria emancipado, na sala 10, estava sendo totalmente ajustada conforme seus parâmetros bio cibernéticos. Era necessário renomear e reorganizar todo o complexo conjunto de arquivos da sua história de vida anterior para sua nova categoria.

Tudo precisava ser cuidadosamente ajustado para que os novos arquivos não apagassem a memória passada. A Central Mundial de Identificação, com base no registro de idade, código genético e complexos critérios de avaliação psico social, substituiria a identidade anterior de Lucas pela nova de cidadão pleno. Com isto Lucas teria acesso a uma rede maior de contatos, um nível mais profundo e amplo de informações e total autonomia para conduzir sua vida.

Lucas era um clone com cérebro biocibernético, metade biológico, metade cibernético. Ele tinha plena ciência disso desde os 7 anos de vida. A clonagem humana foi aperfeiçoada e regulamentada desde início do século XXII. Não era apenas uma questão de progresso científico e tecnológico. Era uma necessidade. Uma longa sequência de severos desastres climáticos, ambientais e sanitários, com a eclosão de epidemias devastadoras, permeadas por profundas crises econômicas, acrescidas de violentas ondas de vandalismo e terrorismo generalizadas, criaram profundas feridas na sociedade. O abismo social entre pobres e ricos, os bolsões de pobreza e a insegurança alimentar e sanitária, ampliaram-se enormemente para quase todo o planeta.

A população mundial que vinha crescendo até meados do século XXI, entrou em queda acentuada a partir da década de 60 desse século. A taxa de mortalidade subiu muito, acompanhada por uma preocupante queda na taxa de natalidade. Inúmeras espécies animais e vegetais foram completamente extintas nesse mesmo século, vítimas da depredação ambiental e da poluição. O planeta passou a viver uma degradação de tal ordem que não havia mais possibilidade de reversão ou mitigação. Tornava-se imperativo e urgente a total reformulação do modelo de sociedade humana, tendo em vista o futuro da humanidade. Isso exigia uma profunda reforma íntima de cada indivíduo isoladamente.

Não havia mais lugar para o individualismo, o egoísmo, o descaso com a natureza e falta de amor e respeito entre os seres. O planeta agonizava. A paz mundial, a fraternidade universal e respeito à natureza tornaram-se obrigatórios para o futuro da vida no planeta. Uma redobrada força de trabalho era necessária.

Esse 18 de Abril de 2257 era um marco fundamental na vida de Lucas. Completava 21 anos de existência. Estava deixando a categoria de Auxiliar para passar a fazer parte do fascinante mundo dos cidadãos plenos. Enquanto aguardava o preparo da unidade onde seria reprogramado ia repassando os arquivos de sua vida. Estava tudo registrado em sua memória híbrida. Cada minuto de sua vida anterior poderia ser recuperado com todos os detalhes.

Lucas foi criado para desempenhar uma missão. Ser útil, curioso e sempre presente. Os clones não tinham desejos, medos ou vontade própria como os

humanos. A engenharia genética, com auxílio da inteligência artificial permitia dotar um clone com uma missão que funcionava como um propósito de vida. Os seres humanos normais, tinham um propósito de vida nato. Já nasciam com uma pulsão natural para buscar e encontrar um sentido para a vida, guiado pela consciência e pela vontade própria. Os clones precisavam ser pré-programados com alguma forma de meta a ser atingida, sempre com objetivos éticos e edificantes. Era uma forma de compensar a ausência de um sentido natural para a vida.

Mas Lucas viu surgir dentro de si um algo mais que ele não conseguia compreender do que se tratava. Isso ocorreu por volta dos seus sete anos, coincidentemente, logo que concluiu sua fase inicial de aprendizagem e foi informado por seus pais adotivos que era um clone. Essa etapa da vida era delicada. Exigia muito tato dos pais adotivos e acompanhamento especializado. Desde então passou a tentar correlacionar o mundo e a si próprio com o passado da humanidade. Era mais que uma simples curiosidade pré programada. Era um desejo intenso de se identificar. Uma espécie de vazio interior que precisava ser preenchido.

Não era uma sensação normal em um clone. Fora gerado segundo procedimentos exatamente iguais ao dos demais clones, mas por razões que ele desconhecia, de repente se viu possuído por uma espécie de vontade própria de saber o que exatamente ele era. O conhecimento de ser apenas um clone com uma missão a ser cumprida deixou de fazer sentido.

É claro que Lucas percebeu que isso não era normal e até poderia ser tomado como mal funcionamento. Por isso procurou ocultar esse aspecto inusitado de sua personalidade. Embora tivesse plena convicção de estar tudo rigorosamente certo com seu comportamento, temia ser reprogramado. A sensação, apesar de misteriosa e inexplicável para um clone, não era desagradável.

A partir da idade de 15 anos, na condição de auxiliar e não mais de aprendiz, ele passara a ter alguns direitos e deveres adicionais. Tinha como uma de suas metas respeitar seus pais adotivos e, pode-se dizer, era amado por eles e pelos amigos. Ninguém lhe cobrava absolutamente nada além do que era obrigação normal de qualquer outro clone. Era ele próprio quem se cobrava desde os 7 anos. Sentia que havia algum propósito especial em sua vida. Nada que o fizesse se sentir superior aos outros mas, sem dúvida, algo que o preocupava e o angustiava. Era como se ele tivesse uma missão importante, não programada e desconhecida. Era como um poderoso chamado vindo de dentro de si mesmo. Algo totalmente incompreensível ao mesmo tempo que desafiador e, paradoxalmente, acompanhado por uma confortadora sensação de completude.

A humanidade já havia há mais 150 anos superado quase todos os seus problemas sociais. Lucas tinha especial interesse pela história do século, XX e XXI. Era-lhe bastante difícil compreender as enormes diferenças sociais entre os seres humanos, a violência, a falta de entendimento, o descaso com o planeta e com outras espécies desse período.

De modo geral, as pessoas viam esse período da história como reflexo de uma sociedade humana com sentimentos e comportamento ainda primitivos. Mas para Lucas, algumas coisas não se encaixavam. Ele havia inclusive definido junto a seus pais e orientadores, logo nos primeiros anos do estágio auxiliar, sua tese de emancipação. Ele optou por investigar a história das religiões. Ele pretendia fazer um estudo sistemático da evolução histórica da engenharia biossocial, desde as primeiras experiências genéticas no final do século XX, até a grande revolução psico social da humanidade no final do século XXI e início do século XXII.

Havia um aspecto particularmente intrigante e desafiador para Lucas. Ele queria entender porque houvera tantas religiões no passado e, durante a fase de reconstrução planetária, todas, simplesmente deixaram de ter importância para a humanidade. Um novo paradigma de vida social foi abraçado pela coletividade. A degradação do planeta foi de tal de gravidade que as religiões deixaram de fazer sentido, sobretudo porque estavam na raiz de muitos dos conflitos humanos. Mas a coisa não era tão simples assim. O fenômeno religioso acompanhava o ser humano desde os primórdios da civilização. Os conflitos sempre estiveram presentes e as religiões sempre serviram de refúgio.

O repentino abandono da religiosidade carecia de maiores explicações. Lucas nunca experimentou nenhum sentimento religioso, não sabia o que exatamente era isso, mas tinha conhecimento que era um terreno complexo, difícil de ser trilhado com total isenção pelos seres humanos com sensibilidade emocional. O estudo da questão era um desafio que ele estava disposto a enfrentar até para, quem sabe, conseguir entender melhor suas características humanas singulares para um clone.

Os poucos grupos humanos que se mantiveram apegados às suas crenças anteriores, nesse passado não tão distante, acabaram por se deixar vencer pela maioria. Principalmente por conta da nova ordem social que emergiu de modo praticamente espontâneo entre todos, sem imposição ou doutrinação. Foi uma consciência coletiva de que a intolerância, a ganância, o individualismo egoísta, a falta de fraternidade sincera e falta de amor pela natureza eram os grandes obstáculos para a vida no planeta.

Desenvolveu-se entre todos os humanos um profundo sentimento de amor e respeito pela natureza, pelos outros seres humanos e por outras espécies. Até mesmo pelos clones o ser humano demonstrava respeito e gratidão pela grande ajuda que representavam na reconstrução do planeta. Era um sentimento coletivo que, em poucos anos, se instalou com bastante força na sociedade humana, sem qualquer diretriz pré estabelecida. Havia inclusive o compromisso dos pais orientarem seus filhos e os clones adotivos para a importância desses valores. Era o único caminho para o futuro da humanidade.

Mas a medida que os grandes desafios de reconstrução do planeta foram sendo superados e o mundo passou a desfrutar de paz e progresso contínuos, uma estranha sensação de ausência de propósito começou a ganhar corpo na sociedade. Era como se faltasse algo a ser resolvido.

De início não se deu muita importância ao caso. Não foi uma manifestação coletiva repentina. As poucas pessoas que começaram a ter essa sensação, raramente manifestavam qualquer queixa a respeito. Não chegavam a dar importância ao fato. Mas a medida que o tempo foi passando o problema começou tomar conta da sociedade. Já não era um problema isolado. Era algo que realmente começou a incomodar, preocupar e despertar questionamentos sobre os propósitos da existência. Uma espécie de ansiedade coletiva começou a se manifestar e causar preocupações para a administração do planeta.

Lucas não demorou a desconfiar que havia alguma conexão do problema, com seus estudos sobre a história das religiões. Para os humanos de Terra Nova, a adesão a uma crença diferente do paradigma ético universal de amor fraterno e amor pela natureza, já muito bem sedimentados, não parecia fazer sentido. Não havia nenhum indicativo de ser uma possível resposta ao problema que vinham enfrentando. As religiões, em lugar de aproximarem as pessoas, provocaram muitas desavenças no passado da humanidade. Isso era bem conhecido por todos, inclusive por Lucas e todos os clones.

Mas em sua investigação, Lucas acabou se deparando com um arquivo digital que fazia referência a uma pouco expressiva doutrina metafísica surgida no século XIX. Durante o período de conturbação social, em meados do século XXI, muitos templos religiosos, conventos e instituições de ensino foram saqueados. A pirataria cibernética espalhou vírus e pragas virtuais sofisticadas e letais que acabaram se alastrando por toda a rede mundial.

Levou muito tempo para a completa recuperação dos grandes arquivos de dados, para a restauração das redes de comunicação entre eles e para reestabelecer a confiabilidade e segurança dos serviços e facilidades digitais que atendiam a sociedade toda. Por isso, apesar dos recursos avançados de

computação quântica e inteligência artificial, a pesquisa em certas áreas ainda demandava bastante tempo e paciência na busca e reparação de arquivos digitais corrompidos. Documentos físicos eram raros. Os do passado foram em grande parte destruídos pelo vandalismo.

O registro digital encontrado acidentalmente por Lucas era um livro intitulado “A Agonia das Religiões” cujo autor chamava-se José Herculano Pires. O título do livro, tendo em vista a investigação que Lucas vinha empreendendo, imediatamente capturou sua atenção. O arquivo estava parcialmente corrompido, mas com suas habilidades em computação e uso de inteligência artificial externa, conseguiu recuperá-lo.

Lucas era um clone e como qualquer clone tinha cérebro híbrido com estrutura neuro cibernética dotado de inteligência artificial. Todavia, sua IA individual era totalmente dedicada ao gerenciamento das conexões neuronais. Era uma tarefa bastante complexa e não deixava espaço para realizar outras funções. Por isso, como qualquer outro clone, Lucas não era mais inteligente que um ser humano normal.

Assim que terminou de recuperar o arquivo de Agonia das Religiões, Lucas mergulhou fundo no seu estudo. O livro mostrava um panorama metafísico completamente diferente daquele que ele tinha reunido até então. De acordo com o que Lucas havia apurado, as religiões tradicionais apresentavam um conjunto de ideias que deveriam ser aceitas pelos indivíduos. Não eram obrigados a aceitá-las, mas a não aceitação implicava que o indivíduo simplesmente deixasse de buscar naquelas ideias aquilo pelo qual seu eu interior ansiava. Algumas outras doutrinas apresentavam um quadro um pouco diferente, agregavam aspectos racionais interessantes, mas acabavam se perdendo em explicações místicas que também deixavam questões em aberto.

Lucas, apesar de ser um clone, compreendia bem o que representava essa busca do eu interior. Ele não sabia o que era isso nem como isso emergiu em sua mente. Mas ele percebia que não era apenas o sentimento de ter uma tarefa ou missão a ser cumprida. Isso fazia parte, era importante. Mas a busca do eu interior ia além disso. Era algo que gritava no seu íntimo querendo saber o que era, de onde veio e para onde ia.

Em Agonia das Religiões, Lucas começou a divisar um cenário diferente. Começou a perceber que uma religião pura não pode ser uma ideia imposta por outrem ou adotada por conveniência. Deve ser o preenchimento proativo de um espaço mental que transcende a materialidade cognoscível ao mesmo tempo que, de algum modo, a complementa. O livro defendia que o Espiritismo, ao qual o livro fazia referência, não era uma religião convencional. Era uma filosofia moral que dialogava com a razão e com a ciência. Acompanhava a

evolução científica, filosófica e moral da humanidade, contrapondo-se à muitas doutrinas que se apegavam a dogmas e ritos engessados e alheios à realidade.

Algo que lhe chamou a atenção e lhe provocou uma profunda reflexão, foi uma colocação feita pelo autor na introdução do livro, onde afirmava o seguinte: *“O ponto crucial do problema religioso chama-se hipocrisia. E a hipocrisia resulta das atitudes egoístas, da falta de compreensão do verdadeiro sentido da religião, que é caminho e não ponto de chegada da espiritualização”*. Isso fez muito sentido para Lucas e parecia ajustar-se bem ao fenômeno do desaparecimento das religiões que ele vinha estudando. As pessoas se desencantaram e se desapegaram das religiões porque elas não trouxeram paz ao mundo, não trouxeram entendimento entre as pessoas. Ao contrário, foram fonte de muitos preconceitos e conflitos.

Em sua pesquisa, Lucas começou a compreender melhor o fenômeno religioso, principalmente agora com a descoberta dessa nova referência que tratava a religião como uma filosofia moral. Filosofia aberta que se propunha caminhar em sintonia com a ciência e com o progresso da humanidade, em vez de permanecer engessada em meio a dogmas e ritos inflexíveis. Esse aspecto, inclusive, explicava porque essa doutrina foi pouco difundida e conhecida.

Em seus estudos, Lucas incluiu a esfera da psicologia. Percebeu que o egoísmo do ser humano ligava-se perfeitamente com o imediatismo e personalismo. Ficou evidente que o homo sapiens sempre buscou uma religião que resolvesse seus problemas em lugar de lhe apontar um caminho a ser seguido. O homem nunca aceitou as ferramentas para construir pontes e estradas para o infinito. Queria ser levado magicamente para lá por algum anjo ou deus. Por isso, quando a humanidade se viu frente ao abismo e caso não tomasse uma providência imediata o mundo retornaria à idade da pedra, foi um consenso coletivo o abandono das religiões e a adoção de uma ética universal de fraternidade e amor à natureza. Era algo prático, com resultados quase imediatos, perceptíveis por todos. O curioso era que, no fundo, esse amor fraterno e respeito ao próximo estava na essência de todas as religiões, embora oculto por máscaras forjadas pelo egoísmo, pelos interesses espúrios e pelo imediatismo próprio dos costumes das massas.

Lucas foi fundo em sua pesquisa. Conseguiu levantar um grande acervo de referências do espiritismo, inclusive arquivos que ele identificou como a codificação base da doutrina. Conseguiu reunir também várias outras referências tidas como complementares. Inclusive, alguns livros que tratavam de forma mais detalhada da vida na dimensão espiritual. Um que ele estudou com muito cuidado e, de certo modo, lhe trouxe algumas possíveis respostas sobre si mesmo foi um livro intitulado *“Evolução em Dois Mundos”*. Essa obra explorava com detalhes a relação entre o espírito e o ser encarnado.

Era muito curioso como uma doutrina com essas características e as implicações filosóficas e morais que ensejava, tenha tido pouco impacto na sociedade do passado e acabado caindo no esquecimento. Lucas começou a compreender que tinha em mãos algo muito precioso e importante para a sociedade. Percebeu que precisava trazer novamente à luz essas ideias esquecidas. Eram ideias atemporais, imunes à corrosão pelo tempo. Mas demandavam estudo profundo e dedicado. Desafiavam o comodismo e o egoísmo humano. Eram portadoras de rara beleza ética e filosófica.

As ideias espíritas combinavam perfeitamente com o paradigma adotado pela sociedade humana na qual Lucas se inseria. Mas davam um passo além. Indicavam que além do amor pelo próximo e pela natureza, havia um processo de evolução infinita na qual o espírito estava em permanente construção de si mesmo e do próximo. Foi como Lucas compreendeu a caridade. Ser útil e bom para si e para o próximo ao longo do caminho para o infinito. Só o amor não bastava para ser feliz e obter realização plena. Isso fazia parte da sociedade, mas ficou evidente que não era suficiente. Não era suficiente para que o espírito se sentisse plenamente realizado. Enquanto havia problemas materiais para serem resolvidos havia satisfação, senso de propósito, percepção de importância e razão de ser. Uma vez que a reconstrução do planeta deixou de ser algo a ser perseguido, emergiu a insatisfação, a ausência de propósito.

Era necessário a edificação de si mesmo e do próximo. Somente assim o progresso não cessava, não se esgotava e o espírito jamais se veria limitado no tempo e no espaço. A perspectiva da evolução infinita em um Universo infinito com infinitas possibilidades de trabalho e realização para si e para o próximo é a resposta. É falsa a percepção que um mundo organizado, com pessoas vivendo em harmonia, sem problemas de saúde, sem desigualdades sociais graves e com conforto para todos seja o objetivo. Não. Isso não é o objetivo. Isso é apenas o caminho como foi bem colocado no livro “A Agonia das Religiões”.

Com a compreensão obtida em sua pesquisa, uma ideia muito forte se apoderou de Lucas. Ele não tinha a menor ideia como pode ter sido, mas estava convencido que tinha um espírito dentro de si. Ele começou a abraçar a ideia que não era apenas um clone de carne e osso, vazio, sem consciência. O livro “Evolução em Dois Mundos” não trazia explícita a possibilidade de união de um espírito com um clone, até porque, na época de sua edição, não havia essa ideia. Mas parecia não haver nenhum empecilho para isso. Um clone era uma réplica genética completa de um ser humano, desde os primeiros estágios da formação do embrião. Nada parecia impedir a ligação de um espírito com esse corpo clonado. De qualquer modo, Lucas precisava

esclarecer melhor esse ponto para poder abordá-lo com os seres humanos e com outros clones. Talvez houvessem outros clones na mesma situação sua, mas sem a compreensão que ele havia alcançado com seus estudos.

Sem explicitar suas desconfianças com relação ao encarne de espíritos em seres humanos clonados, Lucas registrou em sua tese todas as suas descobertas da doutrina espírita e como isso poderia trazer sentido para as pessoas. Sua expectativa era convencer os outros que a religião, como filosofia de vida e não mero dogma, ao contrário do pressuposto no passado, era um aspecto importante, era um motor poderoso do progresso humano quando visto sob uma perspectiva ampliada, não imediatista e não egoísta. Incluía perfeitamente o paradigma universal vigente, mas lhe acrescentava um algo mais muito importante, o conceito da evolução infinita em direção ao infinito. Isso respondia ao vazio existencial que a humanidade vinha experimentando ao se aproximar do fim da missão de reconstruir o planeta. A reconstrução do planeta e da sociedade era o caminho para um mundo mais feliz e não a meta final. Isso fazia uma diferença enorme na compreensão dos princípios religiosos inerentes ao propósito da vida sob a ótica da doutrina espírita que Lucas havia descoberto e pretendia continuar estudando a fundo.

Em meio a essas reflexões e lembranças, Lucas foi finalmente chamado para a sala 10 onde ficava a unidade que faria sua emancipação. Estava tranquilo, ciente de ter cumprido com dedicação e de forma plena suas metas, seus estudos e sua tese. Estava tranquilo inclusive com respeito aos seus traços humanos incomuns que o atormentavam desde tenra idade. Ele tinha aprendido a conviver com eles. Não havia risco de serem percebidos no processo de emancipação. Com o tempo e paciência ele iria esclarecer melhor esse mistério.

Ao entrar na sala foi recebido por uma equipe de 5 especialistas, dois neurocientistas, dois especialistas em computação e inteligência artificial e uma médica. A médica lhe explicou que ele seria sedado e assim permaneceria por pelo menos uma hora. Seu cérebro cibernético seria desligado do cérebro biológico, mas ele não tinha com o que se preocupar. Suas funções vitais continuariam sendo monitoradas e controladas. Não havia risco de qualquer dano biológico ao seu cérebro ou qualquer outro órgão do seu corpo. Enquanto isso seu cérebro cibernético seria reprogramado para depois ser religado ao cérebro biológico. Essa era a sequência do procedimento. Lucas podia se tranquilizar, pois isso já tinha sido feito milhares de vezes e tudo estava muito bem estabelecido. Não havia risco algum.

Assim que foi sedado, Lucas caiu em sono profundo enquanto a equipe trabalhava. Mas, repentinamente, Lucas viu-se desperto e cercado por uma equipe que não era a mesma que o recepcionou. Eram três indivíduos altos

com túnicas brancas se movimentando ao seu redor com estranhos instrumentos. Um deles foi logo acalmando Lucas. Falava com uma voz, pausada e clara, transmitindo grande paz e segurança. Iniciou explicando a Lucas que ele não era apenas um clone, um corpo de carne e osso com vida apenas orgânica, interligado a um módulo de IA. Era um espírito encarnado em um corpo clonado.

Lucas estava completamente atônito. Não estava com medo, ao contrário, sentia-se muito seguro. Mas estava aturdido com aquela experiência. A primeira coisa que fez Lucas ficar atordoado foi ver seu corpo sob uma perspectiva que jamais havia visto. Ele pairava sobre seu corpo, como se não tivesse peso. Estava suspenso de frente para o teto, mas via perfeitamente seu corpo embaixo. Era como ver em todas as direções sem precisar olhar para lado nenhum.

A gravidade parecia ter deixado de existir. Deu-se conta também que seus novos interlocutores falavam sem mexer a boca. Os sons pareciam brotar dentro de sua mente. Era tudo absolutamente extraordinário. Se ele fosse um ser humano normal, julgaria estar sonhando. Mas ele sabia perfeitamente que os clones não sonhavam. Ele nunca sonhou, ou, pelo menos, nunca teve nenhum indicativo de ter sonhado. O que estava acontecendo? Onde ele estava?

Novamente aquele vulto alto, sereno, externando paz e serenidade, voltou a lhe dirigir a palavra. Começou dizendo para Lucas não se preocupar. Ele teria todas as suas dúvidas importantes respondidas. Lucas tinha até se esquecido do tempo. Mas repentinamente lembrou-se de que sua emancipação tinha um tempo determinado para terminar. Ele não precisou externar esse pensamento. Seu interlocutor foi logo lhe dizendo que ele não precisava se preocupar com esse tempo. Ali, onde estavam, o tempo era diferente. E antes que Lucas perguntasse qual era a diferença, ele respondeu que era diferente o suficiente para que Lucas não se preocupasse com essa questão. Havia muitas outras coisas mais importantes que a física do espaço-tempo a serem tratadas naquele momento.

Começou fazendo uma retrospectiva dos últimos dois séculos terrestres para Lucas. Explicou que ao longo do século XX e parte do século XXI o ser humano havia conquistado mais conhecimentos científicos e tecnológicos que em todos os milhões de anos precedentes da história da Terra. Contudo, em termos morais, o egoísmo continuava tão presente como era entre os primeiros hominídeos que habitaram o planeta. Lá entre esses hominídeos era uma necessidade de sobrevivência. Mas o progresso não logrou extirpá-lo. O que não chega a ser uma grande surpresa para nós, espíritos um pouco mais adiantados e já libertos das restrições materiais. A superação do egoísmo é difícil para quase todos os planetas nesse estágio. Sabemos disso.

A humanidade terrestre até tinha alcançado um bom número de indivíduos desapegados do orgulho e do egoísmo, mas não eram em número suficiente para promover a transformação efetiva de todo o planeta. A experiência material é parte importante na evolução do espírito, em seus primeiros estágios. Aprende-se muito na luta contra os ditames da matéria. Mas o estágio material não pode se deter no primitivismo das relações egoístas. É importante avançar para um estágio onde o espírito saiba tratar a matéria como bem coletivo, importante para a evolução da humanidade toda e não só para indivíduos ou grupos isolados.

Em continuação, o amigo espiritual disse a Lucas que o espírito humano precisava se conscientizar que os recursos naturais do planeta são preciosos. Devem servir ao bem e progresso de todos os seres que o habitam, racionais e irracionais. É nisso que consiste o exercício do amor e da caridade, fundamental para alavancar o progresso. O amor e a caridade não são meras expressões poéticas de cunho religioso, são parte das leis da natureza.

E continuou dizendo. O planeta Terra estava com muitas dificuldades para encontrar esse caminho. As diversas crises registradas na história dos séculos XX e XXI não deixavam dúvidas de que um grande abalo moral atingiria a humanidade. Lucas lembrou-se de seus estudos e começou a compreender a dimensão do problema.

O narrador espiritual continuou — os espíritos ainda atrasados, a grande maioria da humanidade total, ao reencarnarem, não estavam mais encontrando um ambiente adequado para evoluir como era desejado. O progresso geral estava ficando cada vez mais lento por conta do egoísmo reinante no plano material. A fração de espíritos encarnados mais evoluídos não estava conseguindo contrapor-se à maioria egoísta e com tendências ainda muito atrasadas.

A degradação do planeta era o resultado direto desse desequilíbrio. O plano espiritual tentava ajudar dentro dos limites de sua atribuição. Buscavam sem interferir no livre-arbítrio dos indivíduos, intuir bons pensamentos e bons princípios. Mas a maioria era de espíritos duros, ainda bastante atrasados e pouco sensíveis às boas intuições. As consequências disso tudo eram previsíveis.

Felizmente, graças a um esforço conjunto dos espíritos encarnados e desencarnados, foi possível evitar um conflito nuclear. As consequências teriam sido devastadoras. A recuperação do planeta demandaria no mínimo uma dezena de séculos.

De qualquer modo, a população planetária encarnada sofreria acentuada queda, principalmente entre os espíritos de vibração mais baixa cujo sistema imunológico orgânico, já deficiente, seria mais danificado ainda. Restariam os indivíduos com vibração mais elevada e sistema imunológico mais robusto.

Mas muitos dos espíritos com boa vibração também iriam desencarnar, e isto era de grande conveniência para o plano espiritual. Os espíritos iriam necessitar de um número muito grande de espíritos mais evoluídos para atuarem como socorristas. Lucas ouvia tudo com profundo respeito e interesse. Muita coisa começava a fazer sentido. Tudo o que havia estudado nas obras espíritas ficou mais claro. Em continuação, o amigo espiritual continuou falando que, como os acontecimentos não poderiam ser detidos, o plano espiritual adotou uma nova estratégia para que os espíritos mais atrasados continuassem evoluindo, mesmo com uma interrupção temporária da experiência material.

Iriam organizar no plano espiritual uma grande quantidade de centros educacionais. Os espíritos desencarnados mais evoluídos iriam atuar como orientadores dos espíritos ainda duros. A convivência na erraticidade desses espíritos próximos em termos de evolução, mas com vibrações um pouco diferentes, seria de grande valor para todos. Estariam próximos o suficiente da vibração material do planeta de forma que teriam oportunidade de perceber as consequências do mau uso e os benefícios do bom uso dos recursos naturais. Seria uma forma paliativa de aprendizado até que voltassem a se reencarnar.

A pequena fração de espíritos que permaneceriam encarnados na terra, estaria em condições de rapidamente encontrarem o caminho do progresso, como de fato ocorreu e era do conhecimento de Lucas. Em continuação, o amigo espiritual explicou a Lucas que, embora tenham conseguido em caráter emergencial continuar trabalhando na evolução dos espíritos terrestres ainda primitivos, a experiência no plano material era insubstituível. Como a taxa de natalidade entre os encarnados caiu muito. A população mundial caiu para menos da metade do que era no início do século XXI. Além disso, grande parte dos humanos passaram a evitar ter filhos.

Mas o planeta precisava de gente para reconstruí-lo. Foi então que a clonagem passou a ter um papel importante. O amigo espiritual explicou que o trabalho nesse campo não foi só dos encarnados. O plano espiritual também começou a trabalhar no problema. A ligação do espírito com o corpo clonado não era o problema. O problema era que na fase inicial, a clonagem estava sujeita a muitos erros e não valia a pena investir na ligação do espírito com um corpo não adequado. Além dos requisitos orgânicos do corpo clonado, havia outros fatores a serem considerados.

Independente da saúde do corpo clonado, era necessário avaliar também se aquele corpo, a família adotiva e o tipo de vida que teria esse clone, estaria conforme as necessidades reencarnatórias do espírito. Era uma equação complexa cuja solução para ser bem-sucedida requeria muito cuidado e atenção.

O espírito amigo continuou explicando que, por conta desses vários aspectos os primeiros clones só eram bem-sucedidos, do ponto de vista material, se fosse acoplado ao cérebro biológico um módulo cibernético que pudesse gerenciar as sinapses cerebrais conferindo vida e propósito ao clone. Caso contrário, o clone não sobrevivia. O narrador espiritual lembrou a Lucas que nos primeiros estágios da clonagem animal do início do século XXI, além dos problemas éticos enfrentados, a taxa de sucesso era inferior a 5%. Isso falando de animais com princípio espiritual bem mais simples.

O módulo cibernético necessário para a sobrevivência do clone complicava a ligação do espírito com o corpo. Foi necessário um trabalho espiritual bastante intenso no sentido de superar essa dificuldade. Mesmo assim, a ação do espírito encarnado ficava bastante limitada pelo módulo cibernético que impedia a ação direta do espírito sobre todas as funções cerebrais. Era por isso que Lucas, embora manifestasse alguns caracteres humanos, seu cérebro não era totalmente acessível e controlado pelo espírito. Mas já havia uma ponte. O plano espiritual havia conseguido superar essa dificuldade inicial. Praticamente todos os clones poderiam ser utilizados como corpo material para os espíritos reencarnantes.

Lucas foi informado que ele não era o único a estar atravessando essa experiência de despertar espiritual. Havia muitos outros. Mas nem todos detinham os conhecimentos que ele logrou conseguir com sua tese de emancipação. Sua missão seria reunir esse grupo que também contaria com apoio de muitos humanos que também estavam sendo preparados espiritualmente.

Era uma missão muito importante – falou o amigo espiritual. A humanidade tinha dado um grande passo. Era preciso manter e ampliar as conquistas obtidas. Poderia haver um grande atraso caso o desânimo e a ausência de um propósito maior tomasse conta da humanidade.

Por enquanto era essa a informação que Lucas precisava. Seu tempo para retorno ao plano físico estava quase vencendo. Ele precisava voltar alguns minutos antes que a equipe terrestre iniciasse a religação de seu módulo cibernético. Eles, da equipe espiritual, propositalmente, haviam induzido a médica encarnada, sem que ela percebesse, a administrar uma dose ligeiramente menor de anestésico. Lucas poderia recobrar os sentidos antes do previsto. Seria inicialmente uma grande surpresa para a equipe e Lucas

deveria rapidamente lhes informar o que havia ocorrido. Essas foram as últimas palavras do amigo espiritual. Lucas viu-se repentinamente e de forma irresistível, atraído para seu corpo material.

Os humanos, apesar de terem abandonado as práticas religiosas tradicionais dos tempos passados, tinham convicção de que não eram apenas matéria orgânica. Havia um espírito encarnado em cada ser humano. Isso nem era questão de crença religiosa. Havia uma quantidade muito grande de evidências muito bem documentadas de casos de Experiências de Quase Morte, lembranças de vidas passadas, manifestações mediúnicas, dentre outras.

Nos anos que seguiram a grande crise da humanidade, houve uma avalanche de manifestações mediúnicas e experiências de quase morte, sempre com a mesma informação. A humanidade precisava urgentemente se conscientizar da necessidade do amor fraterno, da paz entre todos e dos cuidados com a natureza. Lucas havia estudado bem a história desses anos.

Quando recobrou a consciência, viu-se diante da mesma equipe que o havia recepcionado. Contudo, estavam todos boquiabertos sem entender o que estava acontecendo. Lucas estava consciente, com todas as suas funções orgânicas e atividade cerebral funcionando de forma absolutamente normal. Rapidamente começou a falar e relatar sua experiência. A médica que se interessava bastante pela questão espiritual e conhecia um pouco do assunto foi logo acalmando a todos. Lucas, assim que terminou de explicar porque não precisaria mais do módulo cibernético, não conseguiu conter suas emoções. Algo nunca sentido antes. Caiu em pranto, assim como a equipe. Uma nova era se iniciava.